



## MAPEANDO AS DESCENTRALIDADES DO SETOR EDUCACIONAL A NÍVEL SUPERIOR EM CAMPINA GRANDE E SUAS INFLUÊNCIAS NA REESTRUTURAÇÃO URBANA DE CAMPINA GRANDE: 2000 A 2020

Maria Stéfany Brenda Araújo<sup>1</sup>  
Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior<sup>2</sup>

Como citar este artigo: ARAÚJO, M.S.B; SOUZA JÚNIOR, X.S.S.S.; Mapeando as descentralidades do setor educacional a nível superior em Campina Grande e suas influências na reestruturação urbana de Campina Grande: 2000-2020. III Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia – GIDS/UFCG, p. 70-78, 2022

### RESUMO:

Pautado na Teoria das Localidades Centrais desenvolvida por Walter Christaller o trabalho ora apresentado propõem-se a analisar o surgimento das novas centralidades no espaço urbano de Campina Grande - PB, ao mesmo tempo em que busca retratar o processo de desconcentração espacial evidenciada a partir do deslocamento dos seus serviços e atividades: educação, saúde, comércio, moradia e lazer, entre as quais destacamos a primeira por ser umas das responsáveis pelo surgimento de áreas especializadas no espaço urbano de Campina Grande, fato este que vem redefinindo a configuração espacial da cidade. Considerada uma cidade regional devido a sua influência na dinâmica socioespaciais dos municípios vizinhos decorrentes de uma maior diversidade de comércio e serviços, Campina Grande possuía até a metade da década de 1960 um padrão urbanístico centralizador (QUEIROZ, 2008). Entre as principais ações que influenciaram na descentralização espacial de Campina Grande nas três últimas décadas do século XX destaca-se o projeto CURA – Comunidade Urbana para Renovação Acelerada; responsável pela expansão do tecido urbano; inclusão de novos equipamentos urbanos como a CEASA, o shopping Center e o terminal rodoviário e a descentralização das atividades médico-hospitalares. Tais eventos foram importantes para uma expansão do espaço urbano de Campina Grande, mas não foram determinantes no processo efetivo de descentralização socioespaciais o qual se evidenciou de forma mais intensa no decorrer destas últimas duas décadas com a inclusão de Campina Grande nas redes de cidade de desenvolvimento (cidades sustentáveis, cidades saudáveis, cidades educadoras e cidades inteligentes). A pesquisa fundamenta-se, portanto, na hipótese de que a participação da cidade nessas redes de desenvolvimento sobre as redefinições espaciais da cidade (descentralização) foi determinante ao processo de descentralização da cidade.

### INTRODUÇÃO

Para que se consiga entender o processo de descentralização dos setores responsáveis por tanger a economia de Campina Grande, em específico do setor educacional, e a transformação espacial da cidade e do seu entorno ao longo dos anos, é necessário estabelecer a distinção entre centro e centralidade.

A discussão sobre centro e centralidade na Geografia teve início a partir da Teoria das Localidades Centrais, formulada por Walter Christaller em 1933 a partir de um estudo de caso no Sul da Alemanha. Após Christaller, inúmeros estudiosos de renome como Henri Lefebvre (1999), Manuel Castells (2000), além de outros que desenvolveram pesquisas sobre a produção social do espaço urbano durante a segunda metade do século XX,

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Geografia / UEPA. E-mail: ericksonbcosta13@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Geografia (UNESP/PP) e professor de Geografia da UFCG. E-mail: xtosouza@gmail.com



# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

passaram a discutir a centralidade dentro do urbano e avaliar seus fundamentos em diferentes espaços.

A Teoria de Christaller gerou desdobramentos entre pesquisadores quanto ao estudo da centralidade, produzindo elementos que foram assimilados e aproveitados por aqueles que vieram a compor a chamada Escola de Chicago, os quais utilizaram essa teoria, que se refere à escala de Rede Urbana, para a análise do espaço intraurbano, produzindo modelos interpretativos, como o das “Áreas Concêntricas” de Burgess, em 1923, o dos “Setores” de Hoyt, em 1939, e o dos “Núcleos Múltiplos” de Harris e Ullman, em 1945. (BATISTA 2001 apud SILVA, 2006, p.52).

Tratando da importância dos centros urbanos enquanto locais de distribuição varejista e de prestação de serviços para uma população residente fora do seu domicílio, a teoria fez propagar a revisão dos conceitos de centro e centralidade até então existentes, pondo em xeque outros demais. A partir daí inúmeras outras concepções surgiram, intensificando as produções teóricas neste campo do conhecimento. Entre as concepções desenvolvidas destaca-se a noção de centro e centralidade que parte previamente dos conceitos de estrutura e estruturação urbana.

Para Harnecker (1981), podemos nomear de estrutura, uma totalidade articulada composta por um conjunto de relações internas e estáveis que determinam a função que os elementos desempenham dentro desta totalidade.

Já estruturação urbana SILVA (2001) compreende-se o processo de modificação contínua das estruturas urbanas, sendo estas apenas recortes espaciais desta dinâmica. Logo, reestruturação é entendida como uma ruptura de tendências seculares, a qual evoca uma combinação sequencial de desmoronamentos e construção, de desconstrução e de tentativa de reconstrução.

Por evidenciarem a forma urbana, os elementos, estrutura, estruturação e reestruturação se tornam relevantes ao estudo da centralidade, a qual é compreendida por Lefebvre (1999) como um movimento dialético que a constitui e a destrói, que centraliza/descentraliza/recentraliza (SILVA, 2001, p.111).

Não limitando-se a uma atividade de consumo podendo ser também produtiva, a centralidade age aproximando e aglomerando os elementos de produção. Segundo Lefebvre (1999), é na centralidade urbana que se encontra o elemento que realiza a ligação com as demais partes da cidade, este acrescenta:

A cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações.” (LEFEBVRE, 1999, p.111)

Tal movimento dialético produzido no interior das cidades é concebido de modo drástico, levando a inúmeros conflitos. A origem de uma centralidade ou seu deslocamento é precedida de disputas, injustiças e modificações. As transformações dela proveniente afetam prioritariamente a forma urbana, gerando espaços segregados, hierarquias e desigualdades. Sobre o modo peculiar de agir das centralidades, Lefebvre (2008) ressalta:

A centralidade tem seu movimento dialético específico. Ela se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), do centro de informação e de



# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

decisão etc. Mas todo centro destrói-se a si próprio. Ele se destrói por saturação; ele se destrói porque remete a uma outra centralidade; ele se destrói na medida em que suscita a ação daqueles que ele exclui e expulsa para as periferias. (LEFEBVRE, 2008, p. 85).

Semelhante à centralidade em termos de importância funcional, tem-se o centro. Este também tem sido alvo de várias abordagens, entretanto, nos determos em evidenciar apenas duas concepções, a de Lefebvre por intermédio de Silva (2001) e a de Manuel Castells (2000).

De acordo com Silva (2001), as centralizações antes vistas nas cidades constituem áreas centrais, fato este que resulta numa articulação diferenciada nos usos do solo. As áreas centrais, deste modo, expressam por sua vez centralidades urbanas, as quais podem ser múltiplas numa mesma cidade, sendo estas entendidas a partir dos fluxos que geram de pessoas, de automóveis, de capitais, de decisões, de informações e mercadorias (SILVA, 2001, p.108).

Logo, a forma do espaço urbano fixo caracterizada por provocar concentração e dispersão é subentendida por Silva como centro. Com uma visão sociológica, o termo centro urbano é apresentado por Manuel Castells a partir de outro viés: *o conteúdo*. Para Castells (2000), o termo centro urbano designa ao mesmo tempo um local geográfico e um conteúdo social na medida em que exprime mais um conteúdo do que uma forma.

Ainda sobre a questão da “Área central”, Santos (1959) em seu estudo sobre o *Centro da cidade do Salvador* descreve as peculiaridades desses ambientes:

“Na realidade não há um só tipo de centro urbano, variando de civilização para civilização, quer do ponto de vista formal, como do ponto de vista do conteúdo. Há centros de cidades formados de velhas construções e outros de edifícios recentes; há centros de cidade constituídos de arranha-céus e outros de casas térreas. Há os que ainda misturam atividades comerciais do andar térreo dos prédios e residências nos demais pavimentos, enquanto em outros aparece o tipo “city”, bairros inteiramente desprovidos de vida noturna e que durante o dia vivem numa agitação ininterrupta. Tais fatos são resultantes da maior ou menor complexidade do fenômeno urbano, do peso maior ou menor da história, mas não deixam de constituir “nuances” ainda mais realçadas na paisagem pelos aspectos culturais e históricos da elaboração urbana.” (SANTOS, págs.17-18. 1959).

Nas considerações os autores apresentam concepções distintas acerca de centro urbano, pois, enquanto Lefebvre prioriza a forma em sua definição, Castells destaca o conteúdo. Já Santos (2009), por sua vez, pensa em torno dos termos usados: *forma e conteúdo*.

Nesta proposta, *forma-conteúdo* não pode ser entendida em seus significados isolados uma vez que se tornam auto dependentes. De fato, a ideia de forma e conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Tal ideia supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2009, p. 102 e 103).

É este o quadro de referência que apresentaremos neste texto: compreender as potencialidades de desenvolvimento urbano/regional de Campina Grande. Inserida numa localização geográfica de certa forma privilegiada (conexão litoral-sertão). O papel que



# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

passou a ser desempenhado pela cidade de Campina para o desenvolvimento regional resultou, nestas últimas duas décadas, em um intensivo processo de descentralização intraurbana com destaque para o setor de educação. Busca-se, portanto, evidenciar uma relação de causa e efeito entre a participação de Campina Grande nas redes de cidades e os intensivos processos de descentralização socioespacial do setor supramencionado.

## A DESCENTRALIZAÇÃO DO SETOR DE EDUCAÇÃO DE CAMPINA GRANDE A NÍVEL SUPERIOR

Para o estudo do mapeamento das descentralidades de Campina Grande foi utilizado como ponto de partida a pesquisa de iniciação científica defendida por BRITO (2012) no qual ela mostra que o espaço urbano de Campina Grande se comportou por muito tempo como uma região de centralidade única até o início do século XX, mas que nas últimas décadas a cidade vem passando por uma transformação acelerada em seu espaço físico, hipótese norteadora da pesquisa ora apresentada.

Esta primeira etapa identificamos e atualizamos três setores concebidos como sendo referências no tocante ao processo de descentralização socioterritorial, embora não tenha ocorrido com a mesma intensidade. Estamos nos reportando aos parâmetros da saúde, educação e comércio e serviços.

Apesar de termos iniciado a atualização e análise da descentralização desses setores, para esta pesquisa optamos por apresentar apenas os resultados obtidos na análise do setor de educação considerando o fato de que até 2010, conforme observado por Brito (2012), houve uma nítida concentração deste setor em dois recortes espaciais na cidade de Campina Grande sendo um no bairro de Bodocongó - no qual passou a ser concentrado as Universidades Federal de Campina Grande e Estadual de Campina Grande, além do redentorista – e outro na região central da cidade (Faculdades UNESC) .

Análise das Instituições de Ensino Superior e o processo de centralização e descentralização:

Tabela 1: instituições de Ensino Superior Criadas em Campina Grande até 2010

Até 2010		
Instituição	Data de surgimento	Site
Faculdades no Centro	-	-
Redentorista	1980	<a href="https://www.educamaisbrasil.com.br/escolas/escola-tecnica-redentorista-eter">https://www.educamaisbrasil.com.br/escolas/escola-tecnica-redentorista-eter</a>
UEPB	1966	<a href="https://uepb.edu.br/">https://uepb.edu.br/</a>
UFCG	2002	<a href="https://portal.ufcg.edu.br/">https://portal.ufcg.edu.br/</a>
Após 2010		
Unesc	2013	<a href="http://unescpb.edu.br/">http://unescpb.edu.br/</a>
UNIFACISA	2017	<a href="https://www.unifacisa.edu.br/">https://www.unifacisa.edu.br/</a>
Pitágoras	2017	-
Uniasselvi	2018	<a href="https://uniasselvi.business.monster/uniasselvi-prata-campina-grande-pb-">https://uniasselvi.business.monster/uniasselvi-prata-campina-grande-pb-</a>
UNIFIP	2019	<a href="https://fiponline.edu.br/inicio">https://fiponline.edu.br/inicio</a>
UNIPÊ	2021	<a href="https://www.unipe.edu.br/pos-graduacao/">https://www.unipe.edu.br/pos-graduacao/</a>

(Organizado por Araújo, 2022.)



# III - CREPESG

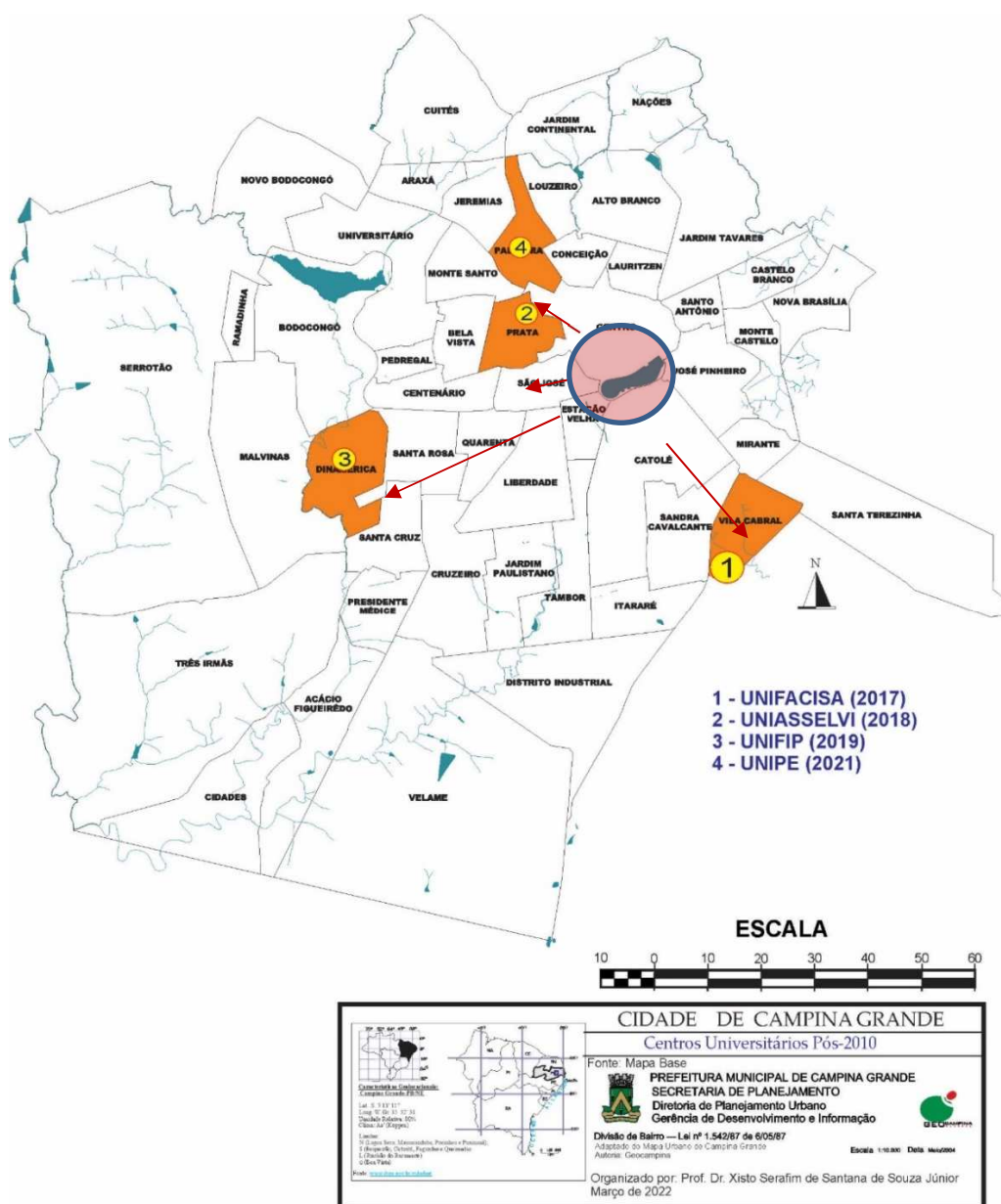
CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

Segundo levantamento que realizamos ao longo destes seis meses, identificamos que há um processo de descentralização em Campina Grande evidenciado desde 2010 quando a cidade passa um por um processo de reestruturação de sua morfologia à exemplo do que vem ocorrendo na área da educação através da criação de grandes centros universitários nas Malvinas (Centro Universitário de patos), Br 230 (UNIFACISA) e Palmeiras (UNIPÊ), além de outros centros universitários distribuídos na cidade servem de fundamento para comprovação da hipótese de que ocorreu a partir de 2010 um processo de descentralização do setor educacional a nível do ensino superior. Abaixo segue o mapa de Campina Grande com a localização de cada instituição de ensino (Figura 1)

Figura 1: Centralidades das IES em Campina Grande no período posterior a 2010



SOUZA JÚNIOR, 2022



# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

Nessa perspectiva, cabe destacar ainda a transferência de cursos da UEPB para o campus de Bodocongó após Campina Grande ser inserida na rede de cidades educadoras, embora a UEPB seja uma Universidade antiga na cidade, ela passou por um processo de centralização constituindo junto com a UFCG e redentorista uma nova centralidade.

## MAPEAMENTO DA POSIÇÃO DE CAMPINA GRANDE NO RANKING DE CIDADES SUSTENTÁVEIS

No tocante ao posicionamento de Campina Grande na rede de cidades sustentáveis, foi utilizado de informações o estudo desenvolvido pela Urbans Systems que por meio do Ranking Connected Smart Cities mapeou as cidades com maior potencial de desenvolvimento no Brasil entre 2016-2020, através de indicadores que retratam inteligência, conexão e sustentabilidade. O ranking é composto por onze dos principais setores no qual destacamos apenas três – saúde, educação e empreendedorismo – que serão apresentados em seguida.

Tabela 1: Ranking de Campina Grande nas Redes de Cidades Sustentáveis

Ano	Connected Smart Cities	Saúde	Educação	Empreendedorismo
2016	84º	45º	-	36º
2017	97º	29º	-	20º
2018	43º	-	21º	7º
2019	-	40º	-	17º
2020	-	49º	-	37º

(Organizado por Araújo, 2022.)

De acordo com os indicadores apresentados na tabela acima, em 2016, Campina Grande se classificou em octogésimo quarto lugar no Ranking Connected Smart Cities entre as 50 cidades mais inteligentes e conectadas do Brasil. Em 2017 desceu para a nonagésima sétima posição entre as 100 melhores no recorte de desenvolvimento. No ano seguinte, ela apresentou uma colocação superior à de anos anteriores. No entanto, houve uma queda considerável no ranqueamento da cidade entre 2019-2020 e Campina Grande não foi ranqueada dentre as principais, sendo a concentração maior destas na região Sudeste do país. Agora, observamos os setores:

No setor da saúde, em 2016, Campina Grande ocupou a quadragésima quinta colocação e subiu para a vigésima nona em 2017. De 2017-2019 a cidade caiu de posição atingindo o quadragésimo lugar, o mesmo ocorreu no ano seguinte em que ela ocupou a quadragésima nona colocação.

No Ranking de Educação, Campina Grande entra apenas para o ano de 2018 ocupando o vigésimo primeiro lugar, enquanto no que diz respeito ao empreendedorismo, a cidade se classificou em todos os anos apresentando de 2016-2018 um ótimo resultado, uma vez que Campina Grande conseguiu ficar entre as dez primeiras cidades no ranking, mas que apresentou uma queda nos dois anos consecutivos chegando a se classificar em trigésimo sétimo lugar em 2020.



# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

Diante dos resultados apresentados, no que se refere ao setor educacional, a cidade de Campina Grande mostrou um bom resultado em 2018, dado que as 10 melhores cidades no recorte de Educação possuíam mais de 500 mil habitantes e 20 das cidades melhor posicionadas, 15 estavam localizadas na região Sudeste do país. No entanto, o mesmo não aconteceu nos outros anos aqui trabalhados, quando o município de Campina Grande sofreu impactos neste setor e isto influenciou diretamente na análise de dados demográficos da cidade.

Vale destacar ainda que cada setor estudado pela Urban Systems contou com os respectivos números de indicadores básicos que compõem a pesquisa, dentre esses indicadores destacam-se neste momento o do Ranking de Educação que serão apresentados em seguida.

Figura 2: Indicadores básicos/ ranking de Educação



Fonte: Urban Systems, 2020.

Além dos indicadores mostrados acima, temos: bolsas CNPQ, % empregos formais de nível superior e % de empregos em educação e pesquisa.

Sendo estes os mesmos indicadores do ano no qual Campina Grande entrou para o ranking - 2018 - com 4,843 pontos, pode-se dizer que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas no setor educacional, não apenas a cidade em estudo, mas a nível nacional, Campina Grande destaca-se pelas importantes universidades localizadas no bairro de Bodocongó e Centro e outras novas distribuídas em seu espaço urbano, seja formando uma nova centralização ou em bairros distantes do centro e de forma mais isolada.



# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam, portanto, que o processo de descentralização da cidade de Campina Grande é um fato para o contexto da educação e que há alterações no ranqueamento da cidade entre as cidades inseridas nas redes de cidades sustentáveis. A expectativa é saber se esta tendência se evidencia em outros setores.

Por ser o setor educacional um dos principais responsáveis pela concentração urbana, o surgimento de novas universidades e faculdades em Campina Grande dentro do período estabelecido, alavancou ainda mais a descentralização única redefinindo a configuração espacial da cidade. No entanto, a centralidade deste setor permanece muito forte no bairro de Bodocongó e Universitário - identificado por Laís em sua pesquisa de Iniciação Científica (2012) - que são marcados pela presença de importantes universidades como a UFCG, UEPB e Redentorista.

O fato é que tanto este setor responsável por reger a economia da cidade, quanto os outros (saúde, comércio e serviços), busca incessantemente por novas metodologias e indicadores cada vez mais assertivos que são fundamentais para a sobrevivência e desenvolvimento de qualquer setor econômico, por isso, estes objetos urbanos estão cada vez mais se distribuindo em todo o espaço físico da cidade de Campina Grande na Paraíba.

## REFERÊNCIAS

- BONETI, E. A teoria das localidades centrais de W. Christaller e A. Losh. In: **textos Básicos-1**. Rio de Janeiro, IPGH. 1968. p 1 – 17.
- Bradford, M. G. Kent. W. A. Teoria dos Lugares Centrais: O Modelo de Christaller. In. **Geografia Humana: teorias e suas aplicações**. Lisboa, Gradiva. 1987, Vol. 1. p. 19-45.
- BRITO, L. R. **O processo de descentralização urbana em Campina Grande e sua influência na reestruturação espacial**. Campina Grande, PIBIC/CNPq/UFCG, 2012, p. 18.
- COELHO, M. C. N.; CUNHA, L. H. **Política e gestão ambiental**. In: CUNHA, S. B. D.; GUERRA, A. T. **Questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SOUZA, M. L. **Mudar a Cidade: um introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- VIEIRA, L.; BREDARIOL, C. **Cidadania e política ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Farias. São Paulo: Centauro, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A Questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Vol. 48. São Paulo: Paz e terra, 2000, 590p. (coleção pensamento crítico)
- HARNECKER, Martha. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. 1º ed. Fevereiro de 1981. Global editora e distribuidora. p. 89.
- GOTTDIERNER, Mark. **Produção social do espaço urbano**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1993. (Ponta 5)
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: STUDIO NOBEL: FAPESP, 2001





# III - CREPESG

CONGRESSO REGIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA  
*parâmetros para conexão dos grupos em redes de pesquisas*

<https://crepesg.com.br>

25 a 28 de agosto de 2022

SILVA, J. B. Discutindo a cidade e o urbano. In SILVA, J.B (Org.). **A Cidade e o urbano:** temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997. 318p.

SILVA, W. R. da. **Centro e centralidade: Uma discussão conceitual. Formação,** Presidente Prudente, nº8, 2001.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade da Campina Grande em transformação (1930-1950).** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2008.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, M. L. **Mudar a Cidade:** um introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.